



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA BUSATO
ÁREA: FOTOGRAFIA

**Análise de fotografias de crianças portadoras
de HIV
A (não) inversão do “apagamento” social**

Priscila Ferreira de Souza
2036370/7

Brasília, novembro de 2006

Priscila Ferreira de Souza

Análise de fotografias de crianças portadoras de HIV

Trabalho apresentado ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professora: Cláudia Busato

Brasília, novembro de 2006

Priscila Ferreira de Souza

Análise de fotografias de crianças portadoras de HIV

Trabalho apresentado ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Banca Examinadora

Prof. Cláudia Busato
Orientadora

Prof. Beto Rocha
Examinador

Sérgio Maggio
Examinador

Brasília, novembro de 2006

*Este estudo é dedicado a todas crianças
que sonham com um futuro pela frente,
que têm sonhos e que querem ser felizes.
Para todas àquelas que almejam ser
notadas como crianças iguais a qualquer
outra. Para todas àquelas que não deixam
que uma doença faça de suas vidas um
cotidiano “sem cor”.*

Agradeço à Deus por ter colocado o Jornalismo em meu caminho. Aos meus pais Waldemar e Lia pelo amor, dedicação e confiança. Ao Felipe por sempre acreditar em tudo o que faço, por estar continuamente na torcida, por querer que eu cresça sempre mais. Aos meus irmãos Netto, Viviane e Camila pelo apoio. Aos meus amigos de faculdade por compartilharem todos os momentos alegres e os de dificuldade. À minha amiga Gláucia pela ajuda incondicional. À Cláudia Busato pelas palavras bonitas, por nunca deixar que eu desistisse do meu estudo e por ser, literalmente, minha orientadora.

"O que nos falta é a capacidade de traduzir em proposta aquilo que ilumina a nossa inteligência e mobiliza nossos corações: a construção de um novo mundo."

Herbert de Souza, 1993.

Resumo

O estudo de fotografias de crianças portadoras de HIV ou com mães neste estado visa propor uma reflexão a respeito da visão de como a sociedade vê essas crianças e de como elas se identificam como portadoras do vírus. Além do fator praticidade da fotografia tirada pelo método Pinhole - modo artesanal em que se utiliza, basicamente, uma caixa ou lata escura e papel fotossensível -, um item relevante na abordagem das imagens é a construção delas no “preto-e-branco”, o que fez revelar a verdade das intenções fotográficas. O contraste das duas tonalidades mostra o mundo “real” dessas crianças, como cores “reais” de suas vidas. O fotógrafo carrega consigo a intenção da produção de determinada imagem em que ficam evidenciados: o desejo de codificar os conceitos que têm na memória; servir-se do aparelho fotográfico para tanto; fazer com que tais imagens sirvam de modelo para outros homens e fixar tais imagens para sempre. Será observado, no estudo, que uma fotografia pode ser objeto de três práticas: fazer, suportar e olhar. Essas três intenções estão relacionadas à cada personagem que pode compor uma fotografia, respectivamente, o *operator* (fotógrafo), o *spectrum* (personagem da fotografia) e o *spectator* (espectador). A pesquisa também aborda as expectativas ligadas à imagem por meio de quem as vê. Esse fato pode explicar possíveis deficiências na interpretação de determinadas fotografias. Por fim, é feita a distinção entre *studium* e *punctum*, respectivamente algo que se apresenta ao raciocínio como uma cultura que se pode compreender (o óbvio) e, por outro lado, a fotografia enquanto algo que se oferece como um detalhe, que fere, que comove (o obtuso).

Palavras-chave:

Aids. Infância. Preconceito. Fotografia. *Operator*. *Spectrum*. *Spectator*. *Studium*. *Punctum*.

Abstract

Photo's study of HIV carrier children or with mothers with this sickness aims to suggest a reflection about the view of how society sees these children and how they identify themselves with carrying the virus. Besides the practice factor of photography taken by the method Pinhole – artesanal way in which one utilizes, basically, a box or dark can and photo sensible paper - a relevant item in image approach is the their structure in “black and white”, bringing out the truth of photo intentions. The contrast of these two tones shows the “real” world of these children, with “real” colors of their lives. Photographer carries himself the intention of producing determinate image in which are displayed: the desire of codifying the concepts he has in his mind; make use of the photograph camera for this purpose; utilizing these images like a model for other human being and attaching these images forever. It will be observed, in this study, that photograph can be the target of three practices: doing, supporting and looking. These three intentions are reported to each personage that may compose a photo, respectively, operator (photographer), *spectrum* (photo's personage) and *spectator* (observer). Research also broaches expectations linked to the image of one's seeing. This fact can explain possible lacks in interpretation of some photographs. Finally, it's made the distinction between *studium* and *punctum*, respectively something that appears to reasoning like a culture one can understand (the obvious) and, by the other side, a photograph like something that appears as a detail, that touches, commoves (the obtuse).

Key-words:

AIDS. Infancy. Prejudice. Photography. *Operator*. *Spectrum*. *Spectator*. *Studium*. *Punctum*.

Sumário

Introdução.....	10
1 Aids, sociedade, leis e infância.....	12
1.1 Conceito da doença.....	12
1.2 Breve histórico.....	12
1.3 A Aids e a sociedade.....	13
1.4 A Lei e o preconceito.....	15
1.5 A criança e o HIV.....	16
1.5.1 Como a Aids é representada por crianças.....	17
2 Conhecendo a fotografia.....	19
2.1 Sobre a fotografia.....	19
2.2 Positivo na Lata.....	20
2.3 Técnica Pinhole.....	23
3 O que querem dizer as fotografias.....	26
3.1 Metodologia aplicada na análise fotográfica.....	26
3.2 A imagem em preto-e-branco.....	29
3.3 A intenção do fotógrafo.....	30
3.4 <i>Operator, Spectrum e Spectator</i>	32
3.5 As expectativas ligadas à imagem.....	35
3.6 Distinção entre o "óbvio" e o "obtusos", entre o <i>studium</i> e o <i>punctum</i>	39
Conclusão.....	42
Referências Bibliográficas.....	44
Anexos.....	46
A - Datas importantes.....	46
B - Como fazer a máquina de latinha e o laboratório de revelação?.....	53

Introdução

O presente estudo trata de uma questão de relevância para o estudo da Comunicação, considerando-se a importância do tema para a sociedade: a Aids em crianças. A causa social sempre me despertou atenção, pelo simples fato de considerar que uma pessoa que se mostra isenta de preconceitos, de pré-julgamentos, não é de sua totalidade imparcial.

Quando surgiu a oportunidade de elaborar minha monografia a respeito de crianças portadoras de HIV, percebi que estava com um tema importante em minhas mãos. Com o título *Análise de fotografias de crianças portadoras de HIV - A (não) inversão do “apagamento” social*, entrevi a oportunidade de tratar a questão que aponta para uma sociedade que ainda faz pré-julgamentos de pessoas infectadas com o vírus.

Fiquei a imaginar como seria para um indivíduo conviver com a doença. As pessoas têm receio, por mais que sejam explicados os modos com o vírus é transmitido. Como será, então, a mesma situação envolvendo, agora, uma criança? Uma criança que tem sonhos, perspectivas, um futuro pela frente. Será que elas pensam que têm um futuro pela frente? Será que se sentem rejeitadas?

Quando fui à abertura do *Positivo na Lata* fiquei emocionada com um menino de 12 anos de idade falando ao microfone que não era para as pessoas terem medo dele. Peguei, então, minha câmera digital para fotografá-lo. Quando aquelas crianças viram a máquina que estava em minhas mãos, ficaram eufóricas querendo “brincar” com aquilo que poderá servir para um futuro trabalho.

Percebi que, nas fotografias que as crianças tiravam delas mesmas, os rostos não apareciam. Eram sempre de cabeça baixa, de costas ou no escuro. Perguntei ao fotógrafo responsável pelo trabalho, Randal Andrade, o motivo. A resposta foi: “Por uma questão jurídica”. O fato é que essas crianças não podem mostrar seus rostos para que sejam “resguardadas” ou, como alguns dizem, “poupadas”.

Pretendo mostrar que, mesmo com todas as dificuldades, as crianças não somente desejam, como sentem a necessidade de se mostrarem ao mundo, de serem “percebidas”, notadas. Mesmo que isso ocorra de forma parcial.

Pesquisar e escrever sobre aspectos tão sensíveis na vida de crianças portadoras de HIV requer parcimônia, senão, tato para abordar o que de tão

doloroso torna-se invisível. Como dito anteriormente, na abertura da exposição, um menino disse para não termos medo deles. O objetivo, ao fim desta pesquisa, é fazer com que as pessoas reflitam a respeito.

Isso porque o preconceito por si só é algo terrível; quando o assunto envolve uma criança, o trauma é maior. Como essas crianças tornar-se-ão adultos *saudáveis* – aqui relacionados ao espírito – com tamanha carga negativa que transportam desde a infância?

Este estudo pode ajudar algumas pessoas a deixarem de lado reservas que venham a fazer com que um portador de HIV se sinta excluído.

A pesquisa busca, por meio da Semiótica, entender os motivos pelos quais crianças portadoras do vírus HIV aparecem em fotos tiradas “por elas mesmas” com os rostos ocultados. Elas querem ser “vistas” mesmo havendo uma barreira jurídica? Também se pretende analisar as outras fotografias das crianças, que muito revelam acerca do cotidiano delas. Tal empreendimento requer um estudo aprofundado dos signos e da percepção visual humana.

Dediquei ao primeiro capítulo, uma introdução a respeito da doença, de como a sociedade convive com a Aids, o que dizem as leis e o principal, a Aids e a infância. Neste último ponto, também está inserida a questão de qual é a concepção da doença para as crianças.

No segundo capítulo, procurei falar a respeito da interferência humana na fotografia, da exposição do tema do presente estudo e, também, da técnica utilizada pelas crianças ao produzirem as imagens: o método Pinhole.

O terceiro capítulo foi destinado ao exame dos principais elementos contidos em cada fotografia. Para isso, baseei meu método de análise das fotografias com suportes semiológicos e filosóficos.

A intenção deste estudo não é reeducar os leitores. É, sim, a de expor a estes a visão que a própria criança tem dela mesma. Meu objetivo é analisar os principais elementos contidos nas fotografias e mostrar que, mesmo com obstáculos, as crianças soropositivas conseguiram, ainda que indiretamente, se mostrarem à sociedade.

1 Aids, sociedade, leis e infância

1.1 Conceito da doença

Aids é a sigla inglesa para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immune Deficiency Syndrome*). Antes de a nomenclatura ser fixada, foi proposta a sigla GRID, para *Gay Related Immune Deficiency*, isto é, “Imunodeficiência de Caráter Gay”, tão forte era a percepção do vínculo entre homossexualidade e Aids¹.

A doença pode ser definida como o conjunto das manifestações causadas pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Adquirida (VIH ou HIV), que motiva a diminuição da capacidade de defesa do organismo contra infecções, alteração no sistema nervoso e certos tipos de tumores².

1.2 Breve histórico

De acordo com o doutor em HIV / Aids, Marcelo Soares³, no ano de 1981, duas doenças, o sarcoma de kaposi e a pneumonia por *Pneumocystis carinni*, eram observadas por dois médicos norte-americanos: dr. Michael Gottlieb, de Los Angeles, e dr. Alvin Friedman-Kien, de Nova York. Os médicos notaram que o sistema imune dos pacientes estava profundamente debilitado.

Em 1982, mais de 2 mil casos já haviam sido relatados nos Estados Unidos, alguns também na Europa. O Centro de Controle de Doenças (CDC), órgão de monitoramento epidemiológico daquele país, descreveu o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida como uma epidemia nos EUA.

Como a maioria dos casos da doença estava relacionada a jovens homossexuais e usuários de drogas intravenosas, foi proposto que algum tipo de microorganismo fosse o agente da doença, que seria transmitida por contato sexual ou por sangue contaminado.

¹ PARKER, Richard. *Aids no Brasil – História Social da Aids*. Rio de Janeiro: Relume, 1994. p.48.

² NETO, Amato. *Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*. São Paulo: ALMED, 1980. p.9.

³ SOARES, Marcelo. *A Aids*. São Paulo: Publifolha, 2001. p.22.

Em 1980, a equipe do dr. Robert Gallo, no mesmo país, descreveu o primeiro retrovírus que infectava o homem, o HTLV (Vírus da Leucemia de Células T Humano). Em função dessa descoberta, as equipes que estudavam a nova síndrome da imunodeficiência começaram a procurar por retrovírus em células T em seus pacientes.

Três anos depois, em 1983, a equipe do laboratório do dr. Luc Montagnier, no Instituto Pasteur de Paris, propôs analisar uma biópsia de um gânglio (estrutura que faz parte do sistema linfático) retirado de um paciente tratado pelo dr. Willie Rozenbaum. A descrição dos sintomas dele era compatível com a Aids. As células T do gânglio foram cultivadas no laboratório pela dra. Françoise Barre-Sinoussi e pelo dr. Jean-Claude Chermann. Foi detectada, então, a atividade do vírus, e mostrou-se que este era diferente do descrito pelo dr. Gallo. Pela atividade confirmada, o vírus passou a se chamar “Vírus da Imunodeficiência Humana”.

A partir de então, uma disputa que se desenrolou por anos entre norteamericanos e franceses foi travada a respeito da autoria da descoberta. Embora Gallo tenha assumido posteriormente o erro, em 1987 o então presidente dos EUA, Ronald Reagan, e o primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, assinaram um acordo em que o HIV seria tratado como uma descoberta dos dois grupos de pesquisadores.

No ano de 1986, foi detectado um novo vírus em alguns pacientes imunodeficientes na Guiné-Bissau. A pesquisa também tem o mérito da mesma equipe do Instituto Pasteur, com o apoio de hospitais e clínicas de Lisboa e Paris. Os dois vírus foram então chamados de HIV-1 e HIV-2.

Estudos comprovam que o HIV-1 é muito mais agressivo que o HIV-2. É provável que, por esse motivo, o primeiro tipo de HIV seja o responsável pela pandemia da doença. Enquanto isso, o HIV-2 é restrito a algumas áreas da África Ocidental (Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Senegal e Libéria) e da Europa Ibérica e França.

1.3 A Aids e a sociedade

É sabido que a Aids é uma doença de grupos humanos que causa impactos sociais e demográficos e afeta, gradualmente, muitas pessoas. Trata-se de uma

moléstia carregada de preconceito e discriminação. Os estigmas são desencadeados por motivos que incluem a falta de conhecimento, mitos e medos. Fato esse que é dado pela caracterização inicial da Aids enquanto doença contagiosa, incurável, mortal e ligada à homossexualidade.

Tais estigmas já tinham sido encontrados em outras doenças como hanseníase, tuberculose, sífilis e câncer, por exemplo⁴. Contudo, no caso da Aids, o grande aparato na mídia tornou-a uma questão pública e difícil de ser desapercibida. A doença apareceu a priori como fenômeno da mídia e, somente mais tarde, tornou-se uma evidência médica. O preconceito também apareceu nos meios de comunicação. Exemplo disso é a manchete do dia 14 de dezembro de 1986, no Jornal do Brasil, intitulada: “*A AIDS DEIXA OS GRUPOS DE RISCO E ATINGE MULHERES E CRIANÇAS. BISSEXUAIS SÃO RESPONSÁVEIS PELA DISSEMINAÇÃO DO VÍRUS*”.

Conviver com a idéia de vida interrompida, ter a sentença de morte assinalada e os planos cancelados são alguns dos efeitos emocionais que a definição de Aids causou na sociedade. Ao herdar a memória de doenças citadas anteriormente, a Aids desencadeou reações de pânico e medo de contágio desproporcionais em relação ao grau de transmissibilidade que lhe é atribuído.

No decorrer dos anos, dois conjuntos correlacionados de imagens foram importantes na confirmação da resposta social à Aids⁵. Por um lado, uma atenção prioritária foi dirigida às *vítimas* da doença. Uma concepção da epidemia decorreu de várias suposições, muitas vezes fantasiosas, relativas às características atribuídas aos que tinham HIV positivo. Por outro lado, um conjunto de suposições foi construído a partir da doença em si. A mistura de preconceitos populares e teorias científicas parecem ter influenciado o modo como a sociedade tem respondido à moléstia.

O fato de que o vírus somente se transmita por meio de vias limitadas e que são bem divulgadas pela mídia, tem sido, entretanto, muitas vezes esquecido e a atenção dada à idéia do próprio contágio é maior⁶.

De modo diferente de como ocorre em outras doenças, mesmo que seja massivamente divulgada, no imaginário de muitas pessoas, a Aids ainda não oferece às *vítimas* nenhuma esperança de cura. A aids é entendida como uma doença fatal.

⁴ PARKER, Richard. *Aids no Brasil – História Social da Aids*. Rio de Janeiro: Relume, 1994. p.31.

⁵ DANIEL, Herbert. *Aids – a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991. p.16.

⁶ Ibid; p.20.

Desse modo, quanto mais a discussão sobre a epidemia é dominada pelas conseqüências da morte, menos atenção é dada à qualidade de vida das pessoas HVI positivas.

A Aids conformou-se como uma doença diferente das outras doenças, cujos doentes, os assim chamados *aidéticos*, são diferentes dos outros doentes. Na fase inicial da epidemia, quando as condições de transmissão não estavam elucidadas, era comum ver os próprios companheiros e famílias dos doentes evitarem a proximidade destes. Outros setores como o da saúde – principalmente o cirúrgico e o dentário – os salões de manicure, cabeleireiros, no trabalho e nas quadras desportivas era evidente o preconceito em relação aos portadores de HIV.

Esse medo exagerado torna-se ainda mais cruel no caso das escolas, onde crianças soropositivas não são poupadas pela desinformação do outro. A contaminação perinatal ainda causa “dó”, o que também não deixa de ser preconceito.

1.4 A Lei e o preconceito

Em uma sociedade moderna, teoricamente, não haveria espaço para estigmas e preconceitos. Contudo, esse fato não é o observado. No caso da Aids, por exemplo, o portador do HIV é considerado homossexual, drogado ou prostituído. Para alguns religiosos, “a Aids é um castigo de Deus”⁷. A exceção se dá somente no caso dos hemofílicos, avaliados como “vítimas inocentes da Aids”. Para se comentar a respeito do preconceito, deve-se levar em consideração o princípio da igualdade. O critério baseia-se na imposição do dever de tratar de modo igual os iguais e desigualmente os desiguais. Logo, “se trato desigualmente os iguais, discrimino. Se trato igualmente os desiguais, discrimino”⁸.

O medo e o preconceito da Aids e dos portadores da doença estimula a sociedade à discriminação. A libertação da discriminação é um direito humano fundamental, baseado em princípios de justiça natural que são universais e perpétuos⁹. A discriminação baseada no status de soropositividade para o HIV, real

⁷ SANTOS, Marco. *A Aids sob a perspectiva da responsabilidade civil*. São Paulo: Saraiva. p. 39.

⁸ Ibid; p. 43.

⁹ AGGLETON, Peter. *Mobilização, Participação e Controle Social para o Enfrentamento da Epidemia de HIV/AIDS*.

ou pretensa, é proibida por padrões de direitos humanos existentes. Isso quer dizer que a discriminação contra pessoas soropositivas, sob quaisquer circunstâncias, é uma clara violação aos seus direitos humanos¹⁰.

A característica básica dos direitos humanos é que estes são inerentes aos indivíduos pelo fato de serem humanos, e se aplicam a todas as pessoas em todo o mundo. Não há, praticamente, nenhuma legislação de direitos humanos que proíba explicitamente a discriminação com base no estado de saúde¹¹. Contudo, a Constituição Federal (inciso IV do artigo 3º) proíbe a discriminação fundada nos preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, por exemplo.

A discriminação dos portadores do HIV é análoga a outras formas de discriminação, tais como a distinção de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional¹².

Em razão à consagração do princípio de não-discriminação, os portadores do HIV têm direito à saúde e a tratamento igualitário. Isto não significa que o tratamento dado a todos seja igual, mas que cada um, receba um tratamento adequado, de acordo com a necessidade de cada um.

1.5 A criança e o HIV

A Aids deixou de ser um mal relacionado a homossexuais, travestis e prostitutas. A doença vem contaminando mães por todo o mundo. No avanço da epidemia da doença entre mulheres, cresce, também, um tipo ainda mais cruel de contaminação: a transmissão perinatal do vírus, isto é, aquela da mãe soropositiva para o filho. A proporção é de um recém nascido infectado a cada quatro nascimentos com mães nessas condições. Essas informações fazem parte da pesquisa *Barreiras ao acesso e aderência aos cuidados de saúde entre mulheres HIV positivas em São Paulo*, feita pelo Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (Nepaids) sob a coordenação de Vera Paiva, professora do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰ AGGLETON, Peter. *Mobilização, Participação e Controle Social para o Enfrentamento da Epidemia de HIV/AIDS*.

¹¹ SANTOS, Marco. *A Aids sob a perspectiva da responsabilidade civil*. São Paulo: Saraiva. p. 46.

¹² Ibid; p. 47.

Crianças e jovens constituem, hoje, metade dos novos infectados pelo HIV em todo o mundo. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), um jovem é infectado a cada 15 segundos, incluindo aqueles que contraem o vírus de suas mães.

O direito da criança e do adolescente, soropositivo ou não, a uma vida digna é garantido pela Constituição Federal e amparado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto, esses jovens têm sido alvo de discriminações que prejudicam a vida escolar, afetam o desenvolvimento afetivo e social e o futuro como cidadãos.

A Aids ainda é tratada como doença de adulto. Atualmente, publicações sobre a moléstia destinadas ao público infantil são raras.

1.5.1 Como a Aids é representada por crianças

Ao se discutir acerca de crianças portadoras do vírus HIV, também é necessário que seja elucidado o modo como as crianças vêem a Aids. Scheila Tatiana Cordazzo, em seu estudo *Concepções do termo AIDS entre crianças*, afirma que a compreensão das crianças sobre saúde e doença está relacionada ao desenvolvimento cognitivo¹³. Conforme ocorre o amadurecimento dos processos cognitivos, as explicações para as possíveis causas da doença também se modificam.

Durante a primeira infância e início da segunda, aproximadamente entre os 0 e 4 anos de idade, enquanto a criança está passando por uma fase mais egocêntrica, ela tende a crer que a doença é causada pelas ações próprias, por um comportamento errado ou algo que não deveria ter feito. Após esse período, a criança começa a dirigir a causa da doença para um 'outro' – os germes. Quando começam a se aproximar da adolescência passam a perceber que as doenças podem ter diversas origens, que não são todas exclusivamente causadas por germes, como pensavam anteriormente e que também podem se prevenir de uma série de enfermidades, mantendo-se assim mais saudáveis. Isto gera nos adolescentes um processo de maior atenção ao asseio e cuidado pessoal¹⁴.

¹³ CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte. *Concepções do termo AIDS entre crianças*. Rio Grande do Sul: ABRAPSO, setembro / dezembro de 2004.

¹⁴ Ibidem.

Quanto a Aids, a compreensão das crianças sobre a origem da moléstia segue a mesma seqüência das fases do desenvolvimento. Esse fato é verificado por meio de pesquisas realizadas diretamente com as crianças, como a que foi feita por Scheila Tatiana. A psicóloga aplicou um questionário referente à Aids a 55 crianças de nove a 12 anos de idade, sendo que 23 cursavam a 4ª série e 33 a 5ª série do ensino fundamental em uma escola particular. O questionário constava de quatro questões a respeito da doença, onde foi solicitado que as crianças respondessem o que sabiam sobre o tema. As questões eram as seguintes: “O que é Aids?”, “Como se pega Aids?”, “Como prevenir a Aids?” e “Uma criança pode pegar Aids? Porquê?”

Os resultados da pesquisa comprovaram que, mesmo com os meios de comunicação dando relativa ênfase à doença e às formas de transmissão e prevenção, este tema ainda parece ser uma incógnita para as crianças, que evidenciaram possuir muitas dúvidas e preconceitos acerca da Aids.

De acordo com o estudo, as dúvidas ficam evidentes quando o grupo respondeu que não sabia como a Aids é transmitida, como é prevenida ou até mesmo o que seja a doença.

Portanto pode-se inferir que, os meios de comunicação ao divulgarem as campanhas contra a AIDS não estão atingindo esta faixa etária e as crianças estão chegando à adolescência sem terem muito conhecimento da AIDS. Estes dados são relevantes para a elaboração de estratégias de prevenção, tendo em vista que as primeiras experiências sexuais se dão freqüentemente na adolescência¹⁵.

Por conseguinte, é preciso que adultos esclarecidos expliquem às crianças as corretas formas de contaminação e de prevenção. Deste modo, aos poucos, os jovens conseguirão assimilar o que é a Aids e tudo a respeito da doença para que possam se despir de julgamentos falaciosos.

¹⁵ CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte. *Concepções do termo AIDS entre crianças*. Rio Grande do Sul: ABRAPSO, setembro / dezembro de 2004.

2 Conhecendo a fotografia

2.1 Sobre a fotografia

Com a Revolução Industrial, verificou-se o aparecimento de invenções que viriam a influir decisivamente nos rumos da história moderna¹⁶. Neste contexto, está inserida a fotografia, que possibilitou um novo processo de conhecimento do mundo em detalhe, fragmentado.

Segundo Vilém Flusser, em sua *Filosofia da Caixa Preta*, imagens técnicas – aqui fotográficas – são mediações entre o homem e o mundo¹⁷. O homem, de acordo com o filósofo, *existe*, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. A fotografia tem, portanto, o papel de representar o mundo.

Apesar da temática da auto-representação – pois fotografia significa “desenhar-se a si mesmo” – o artista, ou fotógrafo, não se viu dispensado de praticar o ato de fotografar. Em outras palavras, de acordo com Boris Kossoy, “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”¹⁸. O assunto, o fotógrafo e a tecnologia – neste caso a câmera artesanal – são os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens, em precisos e definidos espaço e tempo.

Kossoy é enfático ao definir a relação entre o agente produtor da fotografia e o resultado do processo:

O produto final, a fotografia, é, portanto, resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia¹⁹.

¹⁶ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 25.

¹⁷ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 9.

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 36.

¹⁹ Ibid; p. 37

O registro de determinada imagem relata a própria atitude do fotógrafo diante da realidade. O produto final deixa transparecer o estado de espírito, as emoções e as ideologias do indivíduo que praticou a ação de fotografar.

Deve-se ressaltar que toda fotografia é produzida com uma determinada finalidade. Esses registros representarão, sempre, um meio de comunicação, de informação, um meio de conhecimento e conterão, sempre, um valor documental²⁰.

Todavia, o valor iconográfico não implica que as imagens sejam despidas de valores estéticos, ou seja, que não contenham arte em sua essência. A estética da imagem é elaborada pelo fotógrafo de modo, muitas vezes, proposital. Este deseja mostrar por meio da fotografia elementos a respeito de suas emoções.

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho²¹.

Para o receptor, a fotografia é observada, segundo Flusser, por meio de representações *mágicas*²². A imagem registrada na fotografia possui elementos preferenciais ao olhar humano. Tais elementos passam a ser centrais, portadores prioritários do significado, que estão inseridos no contexto mágico das relações significativas.

A aparente objetividade nas imagens é ilusória, pois, na realidade, são simbólicas e devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. É o que será feito com as fotografias que compuseram a exposição *Positivo na Lata*, no próximo capítulo.

2.2 Positivo na Lata

Positivo na Lata é o nome de uma exposição de fotografias que ocorreu entre os dias 21 e 30 de março de 2006, na Câmara dos Deputados, em Brasília, Distrito

²⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 48.

²¹ Ibid; p. 50

²² FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 8.

Federal. Trata-se da reunião de 15 fotografias de crianças soropositivas ou com mães neste estado.

O projeto foi organizado e idealizado por uma instituição chamada Escola de Vida / Casa da Criança, localizada em Taguatinga, cidade do Distrito Federal, que abriga 37 crianças soropositivas ou filhos de portadores do vírus. Dezenove são órfãos e moram lá. A organização também contou com a presença do fotógrafo profissional Randal Andrade que, à época, coordenava a Organização Cultural e Ambiental TamNoá, uma Organização Não-Governamental (ONG) que busca desenvolver ações culturais junto a jovens de baixa renda.

O projeto Fitolata, ministrado pelo fotógrafo, é o resultado de um jeito diferente de se tirar uma foto. Pelo método Pinhole, que não utiliza os equipamentos convencionais de fotografia e sim materiais como caixas de sapato e latinhas, as crianças e jovens fotografaram o dia-a-dia deles a partir da observação da luz natural.

Pinholes²³ são as fotografias produzidas sem o tradicional aparato tecnológico que envolve o fazer fotográfico, utilizando-se apenas de um ambiente escuro com um furo numa extremidade e um material sensível noutra. Contudo, o termo pinhole pode aparecer com outros significados. Pode ser utilizado para se referir ao espaço por onde a luz passa (do inglês *pin*, agulha; *hole*, furo); ao tipo específico de técnica fotográfica artesanal; ou às fotografias já produzidas. Quando referido à técnica, pode aparecer também como "fotografia estenopéica", nome mais utilizado em alguns países europeus. Já pinhole é o termo mais utilizado nos Estados Unidos e Inglaterra. No Brasil, há predomínio da grafia pinhole, mas também são encontradas citações com "fotografia sem câmera".

Para aprenderem a tirar fotos com latas, 12 crianças da instituição fizeram um curso, que durou três meses. O resultado, considerado surpreendente por Randal Andrade, foi a escolha das fotografias que relatam os sonhos e as esperanças dessas crianças.

De acordo com os organizadores do evento, a exposição visa alertar a sociedade para o problema do preconceito, que atinge tantas crianças portadoras do vírus da Aids.

²³ GOVEA, Fábio. *A decomposição imagética nas fotografias com pinhole: a imagem pelo buraco de uma agulha*.

“A exposição *Positivo na Lata* teve como base o trabalho de modificar o cotidiano das crianças e adolescentes soropositivos. E com esse projeto queremos que elas despertem para o exterior, prospectem uma profissão, desenvolvam a criatividade, participem de atividades lúdicas”, afirmou Beth Bogéa, uma das voluntárias da Associação Cultural e Ambiental Tamnoá.

Durante a abertura da exposição, as crianças explicavam às pessoas como as fotografias foram elaboradas, como foram as aulas e o que esperavam do evento. Henrique*, de 12 anos, pediu que as pessoas não tivessem medo dele. “Tem pessoas que, quando sabem que somos portadoras do vírus, correm da gente”, afirmou.

Segundo a coordenadora da Casa da Criança, Vicky Tavares, a exposição funcionou como suporte no auxílio da melhora da auto-estima das crianças. “Estamos na casa que decide o futuro do Brasil [Câmara dos Deputados], e é muito importante que vejam que essas crianças existem, que são iguais a qualquer outra e que têm o direito de viver e crescer”, assegurou. “Fala-se muito em políticas de saúde para pessoas com HIV, mas nunca se explora a capacidade que elas têm de trabalhar e se desenvolver”, acrescentou Randal Andrade.

O *Positivo na Lata* também teve, em sua essência, um cunho político. O principal objetivo da exposição no legislativo foi o de chamar a atenção das autoridades para o talento e a necessidade de portadores de HIV serem inseridos no mercado de trabalho.

Alguns parlamentares, como o senador Pedro Simon (PMDB-RS) e a deputada Telma de Souza (PT-SP) pronunciaram-se a respeito da doença e da importância da exposição. De acordo com o senador, as crianças soropositivas são excluídas da realidade brasileira. Contudo, disse ele, a situação não deveria ser esta haja vista o “olhar especial sobre o mundo” que elas apresentam. Telma de Souza, que propôs a exposição, destacou que o vírus do HIV está diretamente ligado à pobreza. “Precisamos de políticas públicas de enfrentamento dessa epidemia e que garanta cidadania aos portadores”.

2.3 Técnica Pinhole

Para Fábio Gouveia em *A imagem pelo furo da agulha: breves pensamentos sobre pinhole*, a técnica em questão é definida como “estar no miolo da construção da imagem e poder fazer parte do ato fotográfico, do mais simples ao mais complexo”. Simples pelo próprio processo de formação da imagem e fixação dela numa superfície sensível.

Para fotografar com pinhole é preciso pouco: um ambiente oco, vedado de luz e com um pequeno furo em um dos lados, algum material fotossensível – no caso do *Positivo na Lata*, o papel fotográfico - e os produtos necessários à revelação. A partir disso, todo o universo fotográfico pode ser explorado indefinidamente, seja por uma criança que está aprendendo a escrever as primeiras palavras, seja por um experiente profissional do mundo fotográfico.

Todos têm as mesmas possibilidades de produção, indistintamente, crianças, adultos e idosos. Este caráter simplório da pinhole é uma das principais características da técnica. Ao mesmo tempo, essa particularidade é o que torna a pinhole complexa.

O fato de a imagem ser formada sem o uso das lentes objetivas, comuns às câmeras analógicas, permite que as fotografias tenham algo a mais. Elas fogem do padrão considerado “normal”, pois reproduzem o real sem interferência – já que este é o papel da objetiva, que, como o próprio nome diz, tem a função de permitir transpor o real ou a realidade sem alterações. No caso da fotografia construída pelo método pinhole, a câmera capta exatamente o que existe em determinado ambiente, não no olho humano. Esta também é a importância da utilização da técnica nas fotografias tiradas pelas crianças soropositivas: retratam o real, sem a interferência dos aparatos das máquinas analógicas e digitais.

A partir deste ponto, ao mesmo tempo em que as imagens estão na caixa de sapato ou na latinha, elas não estão definitivamente prontas no aparelho. Enquanto que no processo tradicional de fotografia o ato de fotografar se resume ao “clic” instantâneo, na pinhole esse tempo pronto não existe. Participar das etapas de fabricação da fotografia permite que o fotógrafo fique mais próximo do processo de realização da imagem fotográfica.

A construção da câmera não é apenas uma tentativa de dominar o aparelho, mas uma fase, das mais importantes, da fotografia pinhole. O controle sobre o aparelho deve ser trabalhado em cada imagem. Quem passa a determinar as potencialidades dele é o fotógrafo-construtor. O programa presente neste tipo de câmera artesanal depende do processo da qual ela é um resultado. Há um poder do fotógrafo sobre o aparelho. Com as pinholes, o fotógrafo passa a fazer parte da caixa preta, como se pudesse viver na câmera²⁴.

Participar do processo de produção do aparelho modifica as relações estabelecidas na formação das imagens. Permite uma nova forma de compreensão do fazer fotográfico. Na fotografia tradicional, o fotógrafo domina as regras para forçar o objeto a produzir imagem de acordo com possibilidades limitadas, ainda que estas sejam quase infinitas. Com as pinholes, o fotógrafo cria novas situações para cada imagem, mesmo que o aparelho permaneça o mesmo.

O formato da câmera, a posição e o tipo do material fotossensível, o diâmetro do furo-diafragma-obturador, as condições de luminosidade. É preciso mergulhar em todas as variáveis do processo produtivo para constituir o aparelho de fato. Há uma hibridização da relação homem-máquina num estágio diferente do vivenciado com as fotografias feitas com câmeras convencionais²⁵.

A possibilidade de o fotógrafo ser também o construtor da própria câmera, incluindo dessa maneira a construção da câmera no processo de produção do imaginário, parece ser a grande vantagem da câmera obscura.

A máquina não é mais uma parte do processo de produção fotográfica, mas aquilo que o determina. Esse fato ocorre por dois motivos principais, de acordo com Fábio Govea: primeiro, porque a relação homem-máquina deixa de ser apenas um elo da corrente capitalista; segundo, porque a presença dela no momento da captura da imagem desconstrói o mito da fotografia como representação objetiva da realidade.

Outro ponto de extrema importância em relação as pinholes refere-se ao reaproveitamento do material e, conseqüentemente, à conservação do meio-ambiente. Latas de leite em pó, caixas de sapato, pedaços de madeira: tudo pode se transformar em uma câmera pinhole, ficando evidente uma característica muito forte

²⁴ GOVEA, Fábio. *A decomposição imagética nas fotografias com pinhole: a imagem pelo buraco de uma agulha*.

²⁵ *Ibidem*.

da técnica: a reciclagem. Isso rompe com a estrutura capitalista que determina a produção imagética. De acordo com Flusser:

O tamanho e o preço das máquinas faz com que apenas poucos homens as possuam: os capitalistas. A maioria funciona em função delas: o proletariado. De maneira que a sociedade se divide em duas classes: os que usam as máquinas em seu próprio proveito, e os que funcionam em função de tal proveito²⁶.

Portanto, para crianças que possuem poucos recursos financeiros, como é o caso do *Positivo na Lata*, a idéia de se fazer uma mostra fotográfica torna-se viável. Não foram necessários altos recursos financeiros, mas, sim, força de vontade.

²⁶ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 21.

3 O que querem dizer as fotografias?

3.1 Metodologia aplica na análise fotográfica

A abordagem metodológica que guiará a pesquisa será a teoria peirceana, que se baseia na colaboração entre percepção e conhecimento. Para Charles Sanders Peirce, a cognição junto à percepção é inseparável das linguagens por meio das quais o homem pensa, sente, age e se comunica.

A semiótica de Peirce é estruturada de forma a dar valor aos pontos essenciais da transmissão de uma mensagem. Desenvolve a relação entre signo e objeto, colocando este como essencial para a existência do primeiro. O signo possui referências e, necessariamente, não podem conter simultaneamente o mesmo objeto.

A teoria peirceana dá embasamento para se entender as falhas ocorridas durante a percepção de determinada imagem, por exemplo. Mas também prevê possibilidades de correção dos erros.

Durante a pesquisa, serão estudados obras de autores como Martine Joly, Vilém Flusser, Boris Kossoy e Roland Barthes e a importância delas nos estudos da Semiótica da Imagem. O presente estudo tem forte influência de Lúcia Santaella e, aqui, é dividido em dois momentos: primeiro, na análise dos conceitos de Peirce que muito contribuíram para esclarecimento de suas idéias; segundo, no auxílio da pesquisadora ao conceituar os níveis das formas figurativas.

Este trabalho será composto da análise do *corpus* em questão: as fotografias tiradas pelas crianças soro positivas junto à suas respectivas realidades.

Ao analisar fotografias, percepções são imediatas. Pesquisas empíricas revelam que 75% das percepções humanas são visuais. Segundo Lúcia Santaella, o alcance do controle sobre a percepção se dá somente no momento em que o objeto é interpretado. A partir daí é que se podem fazer experimentos perceptivos, ou seja, só então a percepção pode ser testada, criticada, modificada e decodificada. A percepção está sob a dominância da secundidade, ou segunda categoria fenomenológica, isto é, categoria da dualidade, do confronto, da ação e reação, da interação, surpresas, conflitos etc.

A pesquisa examinará os efeitos que as representações das fotos causam nos que as interpretam. Santaella, em *A Percepção – Uma Teoria Semiótica*, chega a uma conclusão elucidativa acerca dos signos e suas representações.

[...] o signo é algo (qualquer coisa) que é determinado por alguma outra coisa que ele representa, essa representação produzindo um efeito, que pode ser de qualquer tipo (sentimento, ação ou representação) numa mente atual ou potencial, sendo esse efeito chamado de interpretante. Para funcionar como signo, basta alguma coisa estar no lugar de outra, isto é, representando outra. Basta qualquer coisa, de que tipo for, encontrar uma mente que algum efeito será produzido nessa mente. Esse efeito terá sempre a natureza de um signo ou quase-signo. Ele é chamado de interpretante²⁷.

A respeito da teoria de Charles Sanders Peirce, deve-se destacar a característica triádica da percepção, onde signo-objeto-interpretante a compõe. No caso, o signo representa um objeto e produz na mente interpretadora um efeito um interpretante.

A partir da teoria tríade de Peirce, conclui-se que o objeto determina o signo. Contudo, ele é um segundo em relação ao signo porque este ocupa a posição de primeiro elemento lógico da cadeia, sendo aquilo que representa o objeto. Isso significa que, diante de qualquer fenômeno de qualquer espécie que seja, a apreensão desse fenômeno se dá sempre pela mediação do signo. A primazia lógica é do signo; porém, a primazia real é do objeto.

Segundo Peirce, um signo possui três referências: primeiro, é signo para algum pensamento que o interpreta; segundo, é signo para algum objeto que se lhe equivale nesse pensamento; terceiro, é signo sob algum aspecto ou qualidade que o liga ao seu objeto. O signo está ligado ao objeto não em virtude de todos os aspectos do objeto, porque, se assim o fosse, ele seria o próprio objeto. Desse modo, haverá muitos aspectos do objeto que ele não tem a capacidade de retratar. O interpretante buscará desenvolver o signo em sua mente com a finalidade de se completar.

Se há sempre uma disparidade entre signo e objeto, isso significa que há outras vias de acesso ao objeto além de um determinado signo.

²⁷ SANTAELLA, Lúcia. *A Percepção – Uma Teoria Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998. p. 39.

Às vias de acesso que não dependem daquele signo específico, Peirce chama de experiência colateral, o que, de resto, note-se bem, não quer dizer, de modo algum, acesso imediato, sem a mediação de algum tipo de signo [...] Com a experiência colateral, Peirce quer dizer que há garantias de outro tipo de acesso ao objeto que não se reduzem àquele que é dado por um único signo²⁸.

O conceito de experiência colateral é importante para se entender o problema da falha na percepção. A análise das fotografias, por exemplo, pode ser falha; contudo, um aspecto interessante é que esse erro pode ser corrigido, se se tiver variados tipos de acesso ao objeto da percepção.

Perceber o objeto, de acordo com Santaella, é se dar conta de algo externo, o percepto. É isso que dá ao perceber sua característica peculiar, senão não haveria diferença entre perceber e sonhar, alucinar, devanear, pensar abstratamente etc.

A respeito do percepto, Peirce é enfático ao analisar o julgamento das mentes em relação ao que é percebido.

Nada podemos saber sobre o percepto, a não ser pelo testemunho do julgamento de percepção, exceto o fato de que sentimos o golpe do percepto, a reação dele contra nós. Assim como vemos o conteúdo dele arranjados no objeto. Mas, no momento em que fixamos nossa mente sobre o percepto e pensamos sobre o menor detalhe dele, é o julgamento de percepção que nos diz o que nós assim percebemos. Por estas e outras razões, proponho considerar o percepto, tal como ele é imediatamente interpretado no juízo perceptivo, sob o nome de *percipuum*²⁹.

A conclusão preliminar a que se chega, é que o *percipuum*, como objeto imediato da percepção, é uma ponte entre o percepto e a interpretação. Nas pesquisas de auto-retratos de crianças portadoras de HIV deve-se atentar ao que se irá perceber de imediato (o *percipuum*) e o julgamento mais detalhado a ser realizado em um momento posterior.

Em *Matrizes da Linguagem e Pensamento – Sonora Visual Verbal*, Lúcia Santaella destaca três níveis das formas figurativas. O primeiro deles é da figura como qualidade. Esta modalidade tem o foco exclusivo na imagem, no seu aspecto qualitativo. Não apenas as qualidades em si (formas, textura, cores, volume etc),

²⁸ SANTAELLA, Lúcia. *A Percepção – Uma Teoria Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998, p. 47.

²⁹ PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*. 8. vol. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1966. p. 642.

mas no aspecto figurativo e indicial, marcados, principalmente, por artistas. Neste nível, pretende-se analisar se as crianças possuem “marcas” em comum no produto final, a fotografia.

A segunda modalidade é a da figura como registro. Nesse caso, a imagem é nitidamente determinada pelo objeto que ela capturou num dado espaço de tempo. Cabe, então, ao intérprete, apenas constatá-la como realidade já existente. A fotografia se enquadra neste nível, pois a conexão entre imagem e objeto é existencial. Ao analisar as fotografias tiradas por meio das latinhas, é possível enxergar a realidade das crianças com HIV.

Tal realidade é baseada no encantamento pelo novo – descobrimento da *capacidade* que elas têm em tirar fotos como qualquer outra pessoa – e da possibilidade de *serem vistas* – aqui no sentido de serem notadas; não como uma pessoa soropositiva, mas, sim como um fotógrafo ou, simplesmente, como aquele que *apareceu* na foto.

Por fim, o último nível figurativo: o da figura como convenção, onde sistemas de convenções gráficas são utilizados para reproduzir o visível. Deve-se atentar aqui para os elementos contidos nas fotografias produzidas pelas crianças. Como cada uma será retratada por ela mesma?

3.2 A imagem em preto-e-branco

O que representam as fotografias da exposição *Positivo na Lata*? De acordo com Flusser, fotografias significam conceitos idealizados, que visam programar magicamente o comportamento de seus receptores³⁰.

As fotografias abrem ao observador visões do mundo. A vantagem é permitir a ele a possibilidade de ver cenas que seriam inacessíveis. É o caso das fotografias em preto-e-branco.

O mundo “de fora” da câmera apresenta cores. Não há, no mundo real, cenas em preto-e-branco. “Isto porque o preto e o branco são situações ‘ideais’, situações limite. O branco é a presença total de todas as vibrações luminosas, o preto é a ausência total”³¹.

³⁰ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 37.

³¹ *Ibid*; p. 38.

Deste modo, cenas em preto-e-branco não existem. Entretanto, existem, sim, as fotografias nessas tonalidades, como as que foram apresentadas na exposição. Elas “imaginam” determinados conceitos produzidos pelas crianças.

As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisso que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos³².

O preto-e-branco revela o “verdadeiro” mundo de fora. Houve um motivo para a presença ou ausência total de luminosidade nas fotografias. Em uma foto colorida, por exemplo, a sombra de uma criança não tem o mesmo efeito em contraste com as outras cores. Não é dado o “verdadeiro” contraste, a verdadeira intenção do fotógrafo. Por isso, diferente do que se possa pensar, imagens em preto-e-branco são mais reais do que as coloridas.

Cabeças baixas, sombras, corpos virados para o lado contrário da câmera pinhole retratam melhor o medo do reconhecimento e a timidez das crianças do projeto Fotolata quando representadas nas duas tonalidades. O mundo deixa de ser representado pelas cores que o compõe e passa a conceber o claro e o escuro, a luz e o breu, a tranquilidade e o medo, o branco e o preto. Esses detalhes são percebidos por meio dos elementos preferenciais ao olhar humano.

3.3 A intenção do fotógrafo

É possível decifrar a fotografia por meio da intenção dos respectivos autores. Flusser destaca as quatro principais intenções dos fotógrafos³³:

1. Codificar, em forma de imagens, os conceitos que têm na memória;
2. Servir-se do aparelho fotográfico para tanto;
3. Fazer com que tais imagens sirvam de modelo para outros homens e
4. Fixar tais imagens para sempre.

³² FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.39.

³³ Ibid; p. 41.

Nas fotografias da exposição, estão inseridos determinados conceitos na memória de cada criança. A partir das imagens, pode-se perceber que tais conceitos são construídos a partir da experiência de vida dos autores. A fotografia a seguir *mostra* a Casa Verde, um ambiente delimitado. Todavia, *retrata* o universo dessas crianças. Neste local, como dito no segundo capítulo, os jovens ficam o dia inteiro, estudam e brincam.

Aspecto interessante da fotografia abaixo é o fato de ela ter sido produzida em um local “estratégico”. Deve-se atentar para o que está “por trás” da fotografia, literalmente, o local onde está a câmera. Como visto, o autor desejou eternizar a imagem em questão. Fixou a casinha para os observadores. Entretanto, o local onde o fotógrafo produziu a imagem pode ser o lugar preferido, aquele em que ele passa horas. Este é o lugar eternizado pelo fotógrafo.



Percebe-se que a imagem representa a maneira como a criança enxerga o mundo em que ela vive, como se sente, como o mundo a vê: esquecida, talvez

menosprezada, sem reparos, abandonada. Desperta atenção ao olhar humano a presença de muros, o que denota a idéia de uma prisão. É uma metáfora para a liberdade oprimida. A existência de nuvens ao fundo, um item presente na natureza, dá a noção de liberdade. Trata-se de uma contradição, pois a Natureza apenas se manifesta ao fundo. É uma forma de entender que a liberdade está longe daquilo que se vive; ela existe, mas é distante. E nesse caso, demonstra que pra se alcançar tal liberdade existem muitos “presídios” a serem ultrapassados.

3.4 *Operator, Spectrum e Spectator*

Em *A Câmara Clara – Nota sobre a fotografia*, Roland Barthes observa que uma fotografia pode ser objeto de três práticas: fazer, suportar e olhar. Essas três intenções estão relacionadas à cada personagem que pode compor uma fotografia, respectivamente, o *operator*, o *spectrum* e o *spectator*³⁴.

O *Operator* é o Fotógrafo. O *Spectator* somos todos nós, que compulsamos nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado é o alvo, ou referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o “espetáculo” [...]³⁵.

Barthes supõe que a emoção do *Operator* possui alguma relação com o “pequeno orifício” (neste caso, no “buraco da agulha”) pelo qual ele olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele deseja “captar”.

Se o que o fotógrafo deseja “imortalizar” for uma pessoa, ou seja, o *Spectrum*, tudo muda na relação entre o que é mostrado com a verdade acerca de quem é fotografado. Segundo Barthes, a partir do momento que o indivíduo sente-se “olhado” pela objetiva (neste estudo, pela latinha), as atitudes dela se modificam: elas fazem poses, se fabricam em um “outro corpo”, em uma outra imagem³⁶.

³⁴ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 20.

³⁴ Ibidem.

³⁴ Ibid; p. 22.

Nas fotografias seguintes, percebe-se que os jovens, assim como afirmou Barthes, fizeram poses mesmo com os rostos não aparecendo. Inferese que eles desejaram passar, nessas fotografias, imagens de pessoas consideradas, tanto por eles mesmos quanto para o fotógrafo e os espectadores, fortes.

Não importa aqui se as mães deles ou os próprios jovens possuem uma doença grave que, muitas vezes, os desestabilizam emocionalmente. Os braços cruzados e as pernas abertas vêm para dar idéia de equilíbrio a eles. Entretanto, há outra possibilidade de interpretação dessas fotografias.

Na primeira imagem, deve-se atentar para a posição dos meninos, um em frente ao outro, com os braços cruzados. Diz-se que, quando uma pessoa se encontra com os braços desse modo, ela está como se estivesse a esperar uma agressão, é uma forma de defesa do ser humano.



A próxima é mais expressiva. Inicialmente, a idéia que se tem é que o rapaz é um prisioneiro de alto escalão: cercado por grades em todos os lados, muros altos,

virado de costas para a câmera. Vergonha? Medo? Culpa? Essa foto mostra o lado subjetivo da questão, o que passa na cabeça de uma criança portadora de HIV positivo. Ela não é somente uma refém da sociedade, ela é refém também dos pensamentos dela. Tais pensamentos que foram padronizados por uma sociedade de valores confusos de ética e amor ao próximo.

A vergonha que supostamente a criança aparenta ter na fotografia é resultado desse pensamento egoísta que a coloca como ser diferente, errado, perigoso. Afinal, o que os outros irão pensar ao reconhecê-lo como um portador do vírus HIV ou, pior, como um *aidético*? Essa imagem representa a vergonha por ser considerado como “diferente” dos outros, o medo de ele viver e de ser reconhecido.



3.5 As expectativas ligadas à imagem

Este item pretende elucidar em que medida a interpretação do *Spectator* já está em parte construída, antes mesmo de ter acesso às imagens visuais em concreto.

Martine Joly propõe a análise das expectativas que se tem da fotografia a partir das manifestações a propósito das imagens. Aqui se encontram as fotografias ditas “ausentes” ou “que não se tiram”, muitas vezes devido a alguma forma de censura³⁷. Neste ponto estão inseridas algumas fotografias da exposição *Positivo na Lata*.

De acordo com o artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90):

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Joly destaca que, muitas vezes, a fotografia é desejada, mas, na hora do *clic*, existe alguma desculpa para não ser finalizada.

[...] Pessoas que preparam fotografias com grande antecedência e de forma obstinada e complicada (autorizações, abertura excepcional de determinados sítios) ou ainda outras que, tendo a consciência de que estão a viver um momento excepcional (acontecimento, encontro com uma personalidade) tiram cuidadosamente suas fotografias para, logo em seguida, verificar que não havia rolo...³⁸

O rolo de filme fotográfico é apenas uma das várias desculpas que se pode dar para não tirar determinada foto.

Levando-se sempre em consideração a interpretação em parte já construída pelo *Spectator*, depreende-se que, mesmo com a possibilidade de um pedido de autorização especial para que as crianças pudessem mostrar seus rostos na exposição e tendo a consciência de estarem vivendo um momento especial, provavelmente, o rosto do *Spectrum* ainda não seria visto. Mas, por que isso ocorre?

³⁷ JOLY, Martine. *A imagem e sua interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 83.

³⁸ *Ibid*; p. 85.

Num primeiro momento, temos sempre boas desculpas pelas quais não somos absolutamente responsáveis: impossibilidade de imprimir o botão a tempo, falta de rapidez, de espírito de decisão perante a fugacidade da cena, falta de rolo, a máquina encrava-se, desilusão após a observação (“não vale a pena”)³⁹.

Tais fatos são evidenciados, na maioria das vezes, por amadores, como as crianças soropositivas. A explicação para os comportamentos citados pode se encontrar na própria observação da preparação e da cena fotográfica. A partir do momento em que se descobriu o instante certo, deseja-se dar existência eterna ao lugar, à pessoa.



³⁹ JOLY, Martine. *A imagem e sua interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 86.

Entretanto, deseja-se também aprofundar esse instante, impor seu sentido à força de concentração para, posteriormente, assistir a revelação dele. Mas, de acordo com Martine Joly, ao proceder desse modo,

[...] no próprio movimento deste “corte” operado pelo olhar, separamo-nos para ver melhor, distanciamo-nos, física e psicologicamente, e vemos então o paradoxo de uma consciência que quer intensificar o instante e que, por isso, se afasta dele⁴⁰.

Desse modo, ao não finalizar a fotografia, poupar-se-á o sofrimento desta constatação, com a possibilidade de se tranquilizar, censurando seu próprio mal-estar.

Exemplo disso é a fotografia acima. Por que a criança não mostra o rosto? Será que ela não gostaria de ver a imagem de sua face na fotografia? Será que ela sente-se satisfeita e alegre ao vê-la como uma sombra? Como alguém que, aparentemente, parece não ter identidade? Alguém que pode ser “qualquer um”, sem importância? Parece que ela pode ter almejado mostrar sua feição, contudo o medo interrompeu esse desejo.

Na imagem, percebe-se a noção de grades. Além de haver uma grade próxima, existe uma mais alta ao fundo, o que demonstraria a altura do preconceito que existe do lado de fora da sociedade. Outro item interessante é o muro de pedras ao fundo. A pedra passa impressão de fortaleza. Pode-se apreender que se trata de um abismo a ser ultrapassado, difícil, doloroso (pode-se constatar a presença de muitas pontas e curvas no muro).

Fato interessante é a posição em que se encontra a menina. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio, perfil pode ser entendido como “o aspecto ou a representação gráfica dum objeto [neste caso, uma pessoa] que é visto só de um lado (...) mostrando os detalhes relativos a tal seção”. Tem-se perfeita harmonia entre espaço físico e mental, ou seja, a criança tirou a foto dela, representando o perfil de outras pessoas que possuem o mesmo “perfil” que o dela. É a representação geral de um grupo de pessoas que vivenciam o mesmo tipo de problema que ela possui ou que está submetida.

⁴⁰ JOLY, Martine. *A imagem e sua interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 86.



Outro exemplo é a imagem acima. O fato que mais desperta algum sentimento ao olhar essa fotografia é o fato de parecer que existe uma prisão no lugar. O reflexo das grades deu uma idéia de mundo aprisionado. Por dentro, há escuridão, medo, preconceito. O fato de eles estarem refletidos como uma sombra demonstra a indiferença social que eles sofrem perante as pessoas, que eles vivem a mercê da sociedade, presos, esquecidos, sem “cor de vida”, isto é, sem razão de viver. Ao lado de fora, aparece a claridade, a luz, a liberdade, os sonhos, o que representa a maneira que eles anseiam o modo como o mundo os veja, não mais como sombras, mas sim como pessoas comuns.

O fato dos jovens estarem um pouco inclinados para a direita e não no centro da imagem despertou a noção de transfiguração, deslocamento. Por estar posta dessa maneira, a fotografia demonstrou certo ar de queda, de depressão.

Todavia, a ocultação da angústia e a libertação da responsabilidade não possuem apenas o lado negativo. Irá permitir, por outro lado, que se narre uma história acerca dessa determinada fotografia. Essa estrutura de comunicação parece

ser mais eficaz do que a própria fotografia, tendo em vista a estrutura mística que se esconde atrás dela.

3.6 Distinção entre o “óbvio” e o “obtuso”, entre o *studium* e o *punctum*

Roland Barthes também faz distinção entre o que ele chama de *studium* e *punctum*. Trata-se da distinção entre a fotografia enquanto algo que se apresenta ao raciocínio como campo e objeto de estudo, como uma cultura que se pode compreender (o óbvio) e, por outro lado, a fotografia enquanto algo que se oferece como um detalhe, que fere, que comove (o obtuso).

O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, é estabelecido por meio do conjunto de informações e de referências que constitui a bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade⁴¹. Na fotografia, pretende-se entender as verdadeiras intenções do *Operator*.

Já o *punctum* refere-se ao que emociona, ao que se passa pela experiência, pelas sensações. Ele age, de acordo com Barthes, como uma ferida, ao qual é impossível a indiferença pelo *Spectator*⁴².

O *punctum* define-se por contraposição ao *studium*. Este está, categoricamente, sempre codificado, o *punctum* não.

Nesse espaço habitualmente unitário, às vezes (mas, infelizmente, com raridade) um “detalhe” me atrai. Sinto que basta sua presença para mudar minha leitura, que se trata de uma nova foto que eu olho, marcada a meus olhos por um valor superior. Este “detalhe” é o *punctum* (o que me punge). Não é possível estabelecer uma regra de ligação entre o *studium* e o *punctum* (quando ele está presente). Trata-se de uma co-presença, é tudo o que se pode dizer [...]⁴³

⁴¹ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 45.

⁴² *Ibid*; p.46.

⁴³ *Ibid*; p. 68.



A fotografia acima dá embasamento para que se distinga o *studium* do *punctum*. A partir da bagagem de conhecimentos que se leva ao longo da vida, percebe-se que a imagem é composta por dois amigos (crianças soropositivas ou com mãe neste estado) que se encontram na Casa Verde. Este é o *studium*.

O que chama atenção na fotografia? O que fere, o que comove? Pode-se sugerir que os fatores marcantes na imagem são as linhas da janela, que mais se parecem com grades. Se se pensar mais profundamente, pode-se até mesmo deduzir que os dois jovens sentem-se aprisionados, talvez pela doença. Aos olhos do *Spectator* pode ocorrer a comoção do abraço fraterno perante as dificuldades em que se encontram. Aí está o *punctum*.

Como dito anteriormente, o *studium* supõe

[...] encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las,

discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre criadores e consumidores. O *studium* é uma espécie de educação (saber e polidez) que me permite encontrar o *Operator*, viver os intentos que fundam e animam suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de *Spectator*⁴⁴.

Entretanto, como se pode pensar em um primeiro instante, *studium* e *punctum* são indissociáveis, uma vez que tudo o que toca o sensível é, por sua vez, remetido e inserido à cultura e à esfera de conhecimento científico que cada um porta em si.

⁴⁴ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 48.

Conclusão

Ao ter como base autores como Vilém Flusser, Boris Kossoy, Roland Barthes e Martine Joly, tive a preocupação de não deixar de manter contato com a metodologia da semiótica peirceana (mesmo que não fique evidenciado no estudo).

Ao se pesquisar os motivos pelos quais ocorrem as “fotografias que não se tiram” ou “fotografias ausentes”, deve-se levar em consideração os pontos essenciais da transmissão das mensagens, que são comunicadas por meio das imagens produzidas pelas crianças que possuem HIV positivo.

Como constatado, mesmo com a possibilidade de autorização especial da Justiça, provavelmente, as crianças continuariam sem mostrar os rostos. Possivelmente, devido ao receio do reconhecimento por trazer consigo uma doença carregada de estigmas.

A teoria de Charles Sanders Peirce, caracterizada pela teoria triádica da percepção (signo-objeto-interpretante) se fez presente em todos os momentos das análises fotográficas. Aqui, o objeto não foi considerado a fotografia em si, mas o que as compõem ou, para ser mais exata, quem as compõem.

Como dito, o signo possui três referências: é signo para algum pensamento que o interpreta (pensamento do *Spectator*); é signo para algum objeto que se equivale nesse pensamento (pensamento de outro *Spectrum*); e, por fim, é signo sob algum aspecto que o liga ao seu objeto (objeto a partir da constatação de doença em comum).

Tendo-se sempre em mente o conceito de experiência colateral, pode-se entender que a análise das fotografias pode ser falha; entretanto, o erro pode ser corrigido, se se tiver variados tipos de acesso ao objeto. No caso, os outros tipos de acesso foram entrevistas em jornais e televisão, além de conversas com as crianças da abertura da exposição.

Um item que desejo chamar atenção dada sua importância é o do *percipuum*, isto é, o percepto como ele é imediatamente interpretado no juízo perceptivo. A análise do *percipuum* se deu, ao meu ver, ao mesmo tempo que foi realizada a avaliação do *punctum*, que acredito fazer parte do “olhar mágico” de Flusser, ou seja, dos pontos preferenciais ao olhar humano. Posteriormente, levou-se em conta o *studium*.

Por esse motivo, defendo a idéia de que o *percipuum* está diretamente ligado ao *punctum*. Por sua vez, o percepto está relacionado ao *studium*. O *punctum* também se encontra no percepto, mas de modo mais estruturado.

Tendo esta tese em consideração, pode-se concluir que o estudo do *punctum* é, muitas vezes, falho em um primeiro momento.

Quando estudados os níveis de formas figurativas, de Lúcia Santaella, a figura como qualidade foi a que mais me despertou atenção. Pelo fato de tentar encontrar “marcas” predominantes nas fotografias das crianças. Houve a constatação, de minha parte, que houve a predominância de sombras e de “grades” (linhas das janelas) nas imagens.

Minha crítica a respeito encontra-se no julgamento dessas imagens. A minha opinião também deve estar presente em tal crítica. Será que o fotógrafo não desejou, simplesmente, fotografar na sombra, em frente à janela, sem as intenções expostas neste estudo?

Poderia até pensar que sim. Contudo, tendo em vista que o orientador dessas crianças foi um fotógrafo profissional e que várias fotografias foram produzidas ao longo de três meses onde as consideradas melhores foram escolhidas, passo, realmente, a crer na veracidade de minhas constatações.

No término desta pesquisa, acredito que as crianças portadoras de HIV realmente desejam se mostrar ao mundo. Todavia, não do modo como pensava no início do estudo. Defendo que essas crianças desejam, mesmo sem mostrar seus rostos, “aparecer” nas fotografias, mas não do modo que foram produzidas. Há nelas, sensação de dificuldade de superação de obstáculos, de tristeza, de vida difícil. Itens que a rigor não deveriam fazer parte da infância.

Referências Bibliográficas

AGGLETON, Peter. *Mobilização, Participação e Controle Social para o Enfrentamento da Epidemia de HIV/AIDS*. Disponível em <www.aids.gov.br>.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte. *Concepções do termo AIDS entre crianças*. Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a11v16n3.pdf>>

DANIEL, Herbert. *Aids – a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GOVEA, Fábio. A decomposição imagética nas fotografias com pinhole: a imagem pelo buraco de uma agulha. Disponível em <<http://www.studium.iar.unicamp.br/24/06.html?ppal=index.html>>

JOLY, Martine. *A imagem e sua interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NETO, Amato. *Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*. São Paulo: ALMED, 1980.

PARKER, Richard. *Aids no Brasil – História Social da Aids*. Rio de Janeiro: Relume, 1994.

PEIRCE, Charles Sandres. *Collected Paper*. 8. vol. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1966.

SANTAELLA, Lúcia. *A Percepção: Uma Teoria Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998.

_____. *A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: Sonora Visual Verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Marco. *A Aids sob a perspectiva da responsabilidade civil*. São Paulo: Saraiva, 2000.

SOARES, Marcelo. *A Aids*. São Paulo: Publifolha, 2001.

Anexo A

Datas importantes

1977/78 - Primeiros casos nos Estados Unidos, Haiti e África Central, descobertos e definidos como Aids, em 1982, quando se classificou a nova síndrome.

1980 - Primeiro caso no Brasil, em São Paulo, também só classificado em 1982.

1981 - Primeiras preocupações das autoridades de saúde pública nos Estados Unidos com uma nova e misteriosa doença.

1982 - Adoção temporária do nome Doença dos 5H - Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína injetável), *Hookers* (profissionais do sexo em inglês). Conhecimento do fator de possível transmissão por contato sexual, uso de drogas ou exposição a sangue e derivados. Primeiro caso de transfusão sangüínea.

1983 - Primeira notificação de caso de Aids em criança. Relato de caso de possível transmissão heterossexual. Homossexuais usuários de drogas são considerados os difusores do fator para os heterossexuais usuários de drogas. Relato de casos em profissionais de saúde. Primeiras críticas ao termo grupos de risco (grupos mais vulneráveis à infecção). Gays e haitianos são considerados principais vítimas. Possível semelhança com o vírus da hepatite B. Focaliza-se a origem viral da doença. No Brasil, primeiro caso de Aids no sexo feminino.

1984 - A equipe de Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, na França, isola e caracteriza um retrovírus (vírus mutante que se transforma conforme o meio em que vive) como causador da Aids. Início da disputa, entre os grupos do médico americano Robert Gallo e do francês Luc Montagnier, pela primazia da descoberta

do HIV. Estruturação do primeiro programa de controle da Aids no Brasil - o Programa da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.

1985 - Fundação do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA) - primeira ONG do Brasil e da América Latina na luta contra a Aids. Diferentes estudos buscam meio diagnóstico para a possível origem viral das doenças. O primeiro teste anti-HIV é disponibilizado para diagnóstico. Caracterização dos comportamentos de risco no lugar de grupo de risco. A Aids é a fase final da doença, causada por um retrovírus, agora denominado HIV - Human Immunodeficiency Virus (Vírus da Imunodeficiência Humana). Primeiro caso de transmissão vertical (da mãe grávida para o bebê).

1986 - Criação do Programa Nacional de DST e Aids.

1987 - Criação do Primeiro Centro de Orientação Sorológica (COAS), em Porto Alegre (RS). Questiona-se a definição de comportamentos sexuais tidos como anormais. Início da utilização do AZT, medicamento para pacientes com câncer e o primeiro que reduz a multiplicação do HIV. Os Ministérios da Saúde e do Trabalho incluem as DST/Aids na Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho e Saúde (SIPAT). A Assembléia Mundial de Saúde, com apoio da Organização das Nações Unidas, decide transformar o dia 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a Aids, para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão em relação às pessoas infectadas pelo HIV. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas. Total de casos notificados no Brasil: 2.775.

1988 - No Brasil, uma portaria assinada pelo Ministro da Saúde passa a adotar o dia 1º de dezembro como o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Morre o cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, aos 43 anos. Criação do Sistema Único de Saúde. O Ministério da Saúde inicia o fornecimento de medicamentos para tratamento das infecções oportunistas. Primeiro caso diagnosticado na população indígena. Total de casos notificados no Brasil: 4.535.

1989 - Morre Lauro Corona, ator da TV Globo, aos 32 anos. Ativistas levam o fabricante do AZT (Burroughs Wellcome) a reduzir em 20% o preço do remédio. Novo critério de definição para a classificação de casos de Aids após o Congresso de Caracas, Venezuela. Total de casos notificados no Brasil: 6.295.

1990 - O cantor e compositor Cazuza morre aos 32 anos.

1991 - Inicia-se o processo para a aquisição e distribuição gratuita de anti-retrovirais (medicamentos que dificultam a multiplicação do HIV). Dez anos depois da Aids ser identificada, a OMS anuncia que 10 milhões de pessoas estão infectadas pelo HIV no mundo. O jogador de basquete Magic Johnson anuncia que tem HIV. O Videx (ddl), que como o AZT faz parte de um grupo de drogas chamadas inibidores de transcriptase reversa, é lançado. Total de casos notificados no Brasil: 11.805.

1992 - Primeiro estudo sobre o uso de várias drogas combinadas contra o HIV. Estudo sobre a importância das doenças sexualmente transmissíveis (DST) como co-fator para a transmissão do HIV, podendo aumentar o risco de transmissão e aquisição do HIV em até 18 vezes (Dra. J. Wasserheit). Gallo e Montagnier chegam a um acordo definitivo sobre o crédito da descoberta do vírus. A opinião pública brasileira fica indignada quando a menina Sheila Cartopassi de Oliveira, de cinco anos, tem a matrícula recusada em uma escola de São Paulo, por ser portadora de HIV. Inclusão, no código internacional de doenças, da infecção pelo HIV. Ministério da Saúde inclui os procedimentos para o tratamento da Aids na tabela do SUS. Início do credenciamento de hospitais para o tratamento de pacientes com a doença. Campanha: *Vamos todos contra a aids de mãos dadas com a vida*. Total de casos: 14.924.

1993 - Início da notificação da Aids no Sistema Nacional de Notificação de Doenças - SINAN. Morre o bailarino Rudolf Nureyev. A atriz Sandra Brea (1952-2000) anuncia que é portadora do vírus. A opinião pública começa a perceber que a doença atinge também as mulheres. O AZT passa a ser produzido no Brasil. Total de casos notificados no Brasil: 16.760.

1994 - Acordo com o Banco Mundial dá impulso às ações de controle e prevenção às DST e à Aids previstas pelo Ministério da Saúde. Estudos mostram que o uso do AZT ajuda a prevenir a transmissão do HIV de mãe para filho. Definição para diagnosticar casos de Aids em crianças. Total de casos notificados no Brasil: 18.224.

1995 - Medicamentos consolidados para o tratamento anti-retroviral até este momento: AZT/ddI/ddC. Uma nova classe de drogas contra o HIV, os inibidores de protease, é aprovada nos EUA. Zerti (d4T) e Eпивir (3TC), outros inibidores de transcriptase reversa, são lançados, aumentando as escolhas de tratamento. Estudos revelam que a combinação de drogas reduz a progressão da infecção, mas o custo do tratamento é de US\$ 10 mil a US\$ 15 mil por ano. Aparecimento dos primeiros inibidores de protease (medicações que dificultam a multiplicação do HIV no organismo). Até esse ano, a assistência medicamentosa era precária. Estudo demonstra que o tratamento precoce das DST, com conseqüente redução no tempo de evolução das doenças e de suas complicações, faz com que o risco de transmissão e aquisição do HIV diminuam. A incidência do HIV é reduzida em 42% com essas medidas (Grosskurt H et al.). Total de casos notificados no Brasil: 19.980.

1996 - Primeiro consenso em terapia anti-retroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV). Lei fixa o direito ao recebimento de medicação gratuita para tratamento da Aids. Disponibilização do AZT venoso na rede pública. Queda das taxas de mortalidade por Aids, diferenciada por regiões. Percebe-se que a infecção aumenta entre as mulheres (feminização), dirige-se para os municípios do interior dos estados brasileiros (interiorização) e aumenta significativamente na população de baixa escolaridade e baixa renda (pauperização). Total de casos notificados no Brasil: 22.343.

1997 - Implantação da Rede Nacional de Laboratórios para o monitoramento de pacientes com HIV em terapia com anti-retroviral, com a realização de exames de carga viral e contagem de células CD4 (células que fazem parte do sistema de defesa do organismo ou sistema imunológico). Morre o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Hemofílico, contaminado por transfusão de sangue, defendia o tratamento digno dos pacientes. Total de casos notificados no Brasil: 22.593.

1998 - Validação do algoritmo nacional para diagnóstico das DST no Brasil (Moherdau F et al.). Ministério da Saúde recomenda a aplicação da Abordagem Síndrômica das DST para seu tratamento oportuno e conseqüente diminuição da incidência do HIV. Onze medicamentos disponíveis, gratuitamente, na rede de saúde. Lei define como obrigatória a cobertura de despesas hospitalares com Aids pelos seguros-saúde privados (não assegura tratamento anti-retroviral). Muitos soropositivos que usam o coquetel apresentam cargas virais indetectáveis pelos exames. Mas o HIV continua “escondido” no organismo (gânglios linfáticos, medula e partes do cérebro). Cientistas registram a imagem da estrutura cristalina da proteína gp 120 do vírus da Aids, usada por ele para entrar nas células do sistema imunológico atacadas pelo HIV. Campanhas: *Sem camisinha não tem carnaval; A força da mudança: com os jovens em campanha contra a Aids.*

1999 - Aumenta para 15 o número de medicamentos disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Queda de 50% na mortalidade dos pacientes de Aids e melhora da qualidade de vida dos portadores do HIV. Estudos indicam que, quando o tratamento é abandonado, a infecção torna-se outra vez detectável. Pacientes desenvolvem efeitos colaterais aos remédios. Marylin, um chimpanzé fêmea, ajuda a confirmar que o SIV (Simian Immunodeficiency Virus ou Vírus da Imunodeficiência dos Símios) foi transmitido para seres humanos e sofreu mutações, transformando-se no HIV. Testes genéticos mostram que o HIV é bastante similar ao SIV, que infecta os chimpanzés, mas não os deixa doentes. Total de casos notificados no Brasil 1998/1999 (até agosto): 22.102.

2000 - A 13ª Conferência Internacional sobre Aids, em Durban, na África do Sul, denuncia ao mundo a mortandade na África. Dezesete milhões morreram de Aids no continente, 3,7 milhões são crianças. 8,8% dos adultos estão contaminados. O Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, escandaliza o mundo ao sugerir que o HIV não causa a Aids. Realização do I Fórum em HIV/Aids e DST da América Latina, no Rio de Janeiro. A partir de acordo promovido pelas Nações Unidas, cinco grandes companhias farmacêuticas concordam em diminuir o preço dos remédios usados no tratamento da Aids para os países em desenvolvimento. No Brasil, aumentam os casos em mulheres. A proporção nacional de casos da doença notificados já é de

uma mulher para cada dois homens. Total de casos notificados no Brasil 1999/2000 (até junho): 17.806.

2001 - Implantação da Rede Nacional de Laboratórios para Genotipagem. O Brasil ameaça quebrar patentes e consegue negociar com a indústria farmacêutica internacional a redução no preço dos medicamentos para aids. Organizações médicas e ativistas denunciam o alto preço dos remédios contra Aids. Muitos laboratórios são obrigados a baixar o preço das drogas nos países do Terceiro Mundo. O HIV Vaccine Trials Network (HVTN) planeja testes com vacina em vários países, entre eles o Brasil. Total de casos de Aids acumulados: (1980 - 2001) 220.000.

2002 - O Fundo Global para o Combate a Aids, Tuberculose e Malária é criado para captar e distribuir recursos, que serão utilizados por países em desenvolvimento, para o controle das três doenças infecciosas que mais matam no mundo. Um relatório realizado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas para a luta contra a Aids (Unaid), afirma que a Aids vai matar 70 milhões de pessoas nos próximos 20 anos, a maior parte na África, a não ser que as nações ricas aumentem seus esforços para conter a doença. A 14ª Conferência Internacional sobre Aids é realizada em Barcelona. Total de casos de Aids acumulados: (1980-2002) 258.000.

2003 - Realização do II Fórum em HIV/Aids e DST da América Latina, em Havana, Cuba. O Programa Brasileiro de DST/Aids recebe um prêmio de US\$ 1 milhão, da Fundação Bill & Melinda Gates, como reconhecimento às ações de prevenção e assistência no país. Os recursos foram doados para ONGs que trabalham com portadores de HIV/Aids. O Programa Nacional de DST/Aids é considerado por diversas agências de cooperação internacional como referência mundial. Total de casos de Aids acumulados até 2003: 310.310.

2004 - Morrem duas lideranças transexuais, a advogada e militante Janaína Dutra e a ativista Marcela Prado (ambas foram grandes colaboradoras do Programa Nacional de DST e Aids). Lançamento do algoritmo brasileiro para testes de genotipagem. Recife reúne quatro mil participantes em três congressos simultâneos:

o V Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids, o V Congresso da Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (SBDST) e o I Congresso Brasileiro de Aids. Total de casos da doença acumulados até 30/06/04: 362.364.

2005 - Makgatho Mandela (filho do ex-presidente Nelson Mandela) morre em consequência da Aids aos 54 anos. O tema do *Dia Mundial de Luta Contra a Aids no Brasil* aborda o racismo como fator de vulnerabilidade para a população negra. Total de casos de Aids acumulados até junho de 2005: 371.827.

Fonte <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS232EC481PTBRIE.htm>>

Anexo B

Como fazer a máquina de latinha e o laboratório de revelação?

1 Para a lata

- ü 1 lata vazia de leite em pó (12cm de altura e 10cm de diâmetro);
- ü 1 lixa fina 1 metro de barbante;
- ü tesoura 1 pedaço de papel alumínio grosso (tampa de embalagem tipo Marmitex);
- ü cola;
- ü fita adesiva;
- ü prego;
- ü martelo;
- ü agulha de insulina (0,3mm) e
- ü 1 folha de papel preto tipo Color set.



2 Para o laboratório

- ü 1 lata vazia de tinta (3,6 litros);
- ü 1 folha de papel celofane vermelho;
- ü 2 soquetes (bocais) para lâmpada com fio, interruptor e plugue;
- ü fita isolante;
- ü 1 régua de ferro e estilete ou guilhotina;
- ü papel tipo Color set, saco plástico ou lona pretos;
- ü 2 lâmpadas de 25W;
- ü 4 bandejas de plástico (25 x 30 x 8cm);
- ü 4 pinças de bambu;
- ü varal, pregadores de roupas de plástico;
- ü 1 par de luvas cirúrgicas;



- ü revelador universal para fotografia (em proporção 1/9 - 100ml de revelador em 900ml de água);
- ü fixador universal para fotografia (em proporção 1/3 - 250ml de fixador para 750ml de água);
- ü papel fotográfico preto-e-branco 18x24cm e
- ü 1 lâmina de vidro do tamanho do papel fotográfico ou maior.

3 Como fazer

3.1 A Câmera

Ao preparar a lata, a principal preocupação deve ser vedá-la completamente à entrada de luz. Caso contrário, o papel fotográfico — sensível à luminosidade — será inutilizado. Para que isso não ocorra, é preciso revestir a lata por dentro com o papel preto.



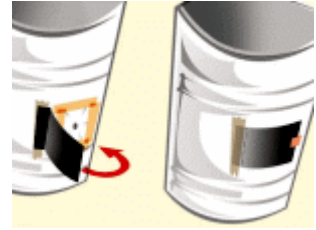
1. Faça um furo na lateral da lata a 4,5cm da base. Martele de leve para não amassar, colocando um apoio de madeira por dentro. Lixe a parte interna, na região do furo, para que não fiquem rebarbas, e toda a parte externa para facilitar a decoração.

2. Com o barbante, tire as medidas da altura da lata e de sua circunferência. Recorte no papel preto um retângulo com essas dimensões. Faça nele uma pequena abertura, que deverá coincidir com o furo na lata na hora de revesti-la. Forre também o fundo e a tampa da lata.



3. Recorte um quadrado de 4x4cm de papel alumínio. Pelo lado de fora da lata, fixe-o sobre o furo com fita adesiva. Com a agulha, fure o alumínio, evitando tocá-lo por dentro ou por fora, para não deformar o orifício. Esse furo tem a mesma função do diafragma. Em uma câmera convencional, ele aumenta e diminui sua abertura para regular a quantidade de luz que entra.

4. Recorte no papel preto um retângulo de 5x6cm e fixe uma das laterais próxima ao furo no alumínio. Na outra ponta, coloque um pedaço de fita adesiva, como se fosse uma dobradiça. Essa "portinha" será o obturador. Nas máquinas de verdade, essa peça abre e fecha, regulando o tempo de exposição do filme à luz.



5. Chegou a hora de decorar a máquina! Pode usar tinta, colagem ou qualquer recurso que a criatividade mandar. Só tome cuidado para não deformar o furinho no alumínio.

3.2. O laboratório

Assim como o interior da câmera, o laboratório fotográfico também precisa ser vedado à entrada de luz. A única luminosidade que pode existir lá dentro é a vermelha, que não sensibiliza o papel fotográfico e permite enxergar materiais e equipamentos.

1. Para construir a luminária de luz vermelha, faça um furo no fundo de uma lata de tinta e passe por ele o fio elétrico do soquete (bocal). Com fita isolante, vede o furo para que não passe luz.



2. Fixe o soquete por dentro, deixando-o rente ao fundo da lata e distante da abertura, onde você prenderá com a fita adesiva oito camadas de papel celofane vermelho. A luminária deverá ficar um metro acima da bancada do laboratório.

3. Monte o laboratório em uma sala onde exista torneira e que seja pouco utilizada. Tampe todas as entradas de luz com papel, lona ou sacos plásticos pretos, presos com fita adesiva resistente.



3.3 O filme

Para fotografar, é preciso carregar a máquina. Nessa experiência, porém, o próprio papel fotográfico terá a função de filme. Por isso, só será possível fazer uma foto de cada vez. Lembre-se: tudo deve ser preparado no laboratório escuro para não queimar o material.

1. Corte o papel fotográfico em quatro partes (você obterá retângulos de 12x9cm). Use guilhotina ou régua de ferro bem limpa e estilete. Evite colocar o dedo na face sensível do papel (a mais lisa), manuseando-o pelas bordas.



2. Utilizando fita adesiva no verso do papel, prenda-o dentro da lata, na posição horizontal, encostando-o na base, no lado oposto ao furo.

3. Tampe bem a lata e verifique se o "obturador" (portinha que impede a entrada da luz) está fechado. Somente depois desses procedimentos a máquina poderá ser levada para fora do laboratório.

3.4 O Clic!

Para sensibilizar suficientemente o papel, o tempo de exposição à luz deve ser relativamente longo. Assim, tirar fotos de paisagens ou objetos é mais fácil, pois eles não se mexem. Uma pessoa deve ficar imóvel para ser fotografada. Caso contrário, o resultado parecerá a imagem de um fantasma.



1. Apóie a lata em uma superfície fixa. Em dia ensolarado, abra o "obturador" por cerca de 15 segundos; com tempo nublado, por volta de dois minutos. Se na revelação o negativo ficar claro tire outra foto com um tempo de exposição maior e vice-versa.

2. Ao terminar, mantenha o "obturador" fechado e só abra a lata quando estiver dentro do laboratório fotográfico, ao abrigo da luz. O passo seguinte é a revelação.

3.5. A Revelação

Prepare o laboratório com a luz acesa antes de começar a revelar. Verifique se as latas fotográficas estão fechadas e se o papel fotográfico sem uso está protegido. Posicione as bandejas e prepare, com luvas, os produtos químicos, pois os materiais são tóxicos e podem provocar alergia.



1. Apague a luz e ligue a luminária vermelha. Retire o papel da lata e mergulhe-o por 1,5 minuto* na primeira bandeja (do revelador). Balance-a de leve para o líquido envolver todo o papel.
2. Coloque o papel na segunda bandeja (com água) durante 30 segundos. Com a pinça própria, leve-o para a bandeja seguinte.
3. Deixe o papel dois minutos no fixador, agitando o líquido da mesma forma. Retire-o com a pinça apropriada e coloque-o na última bandeja.
4. Lave o papel na água corrente para retirar os químicos restantes. Deixe por cinco minutos. Em seguida, pendure no varal.

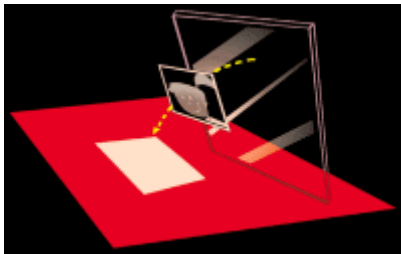
*Observe se o papel precisa ficar mais ou menos tempo imerso no revelador. Se a imagem estiver muito clara, deixe mais. Se estiver ficando escura, retire logo o papel.



5. Pode acender a luz. Quando secar, você terá em mãos o negativo da foto. Depois de tudo pronto, não se esqueça de lavar com água os objetos utilizados.

3.6. A Foto

No caso da foto em preto-e-branco, o negativo mostra a imagem fotografada em posição e escalas de cinza invertidas. Tudo fica ao contrário. Repare no negativo da menina: o rabo-de-cavalo está à direita. Depois de revelar o positivo, ele ficará à esquerda. As tonalidades de cinza também se invertem: o que é escuro fica claro e vice-versa. Na hora de fazer o positivo, apague novamente a luz e ligue a luminária vermelha.



1. Coloque o negativo com a imagem voltada para baixo sobre o papel fotográfico sem uso, esse com a face sensível voltada para cima. Sobre os dois, deite a lâmina de vidro.

2. Acenda a luz branca por sete segundos para sensibilizar o papel novo. Se o negativo estiver muito claro, acenda a luz por cinco segundos; se estiver escuro, deixe exposto por dez segundos.



3. O último passo é revelar o positivo, repetindo o procedimento feito com o negativo. Com isso, a foto está pronta para ser exibida na escola.

Fonte: Revista Nova Escola – Editora Abril, Edição Nº 170, Março de 2004.